

Com exceção das obras literárias, aqui temos, pois, uma *Bonifaciana* completa na parte referente à sua produção científica, política e social. Os três volumes organizados por Edgard de Cerqueira Falcão totalizam quase mil e quinhentas páginas, sendo de salientar-se, como já o frisamos, que todos os trabalhos do grande Andrada são reproduzidos em fac-símiles. Permanecerão eles o *aere perennius* que, mais do que o bronze, para lembrar as palavras de Horácio, atestarão o reconhecimento que a cidade de Santos, ao ensejo do bicentenário andradino, tributou ao seu incluíto filho e nos quais o sr. Cerqueira Falcão pôs toda a sua dedicação e todo o zelo que já nos habituamos a ver em outros trabalhos de sua lavra. — ODILON NOGUEIRA DE MATOS.

MACHADO DE ASSIS, *Dom Casmurro*, tradução russa de T. Ivanova, com prefácio de Ina Terterian, *Goslitizdat* (Editôra Literária Estatal), Moscou, 1961, 318 pp.

A literatura brasileira tem sido objeto, nos últimos anos, de considerável interesse na União Soviética. É verdade que o critério da seleção das obras nem sempre nos parece muito seguro, mas, assim mesmo, de quando em quando se traduzem os livros realmente significativos. Aliás, é preciso levar em conta que em outros países, que há muito mais tempo mantêm relações culturais com o Brasil, a seleção das obras freqüentemente também deixa muito a desejar.

Machado de Assis é conhecido na U.R.S.S. por referências em trabalhos especializados, de pouca divulgação, mas também pela publicação, em 1959 (*Goslitizdat*), de três contos numa antologia do conto brasileiro: "Missa do galo", "Anedota pecuniária" e "Pai contra mãe" (é o autor que figura no livro com a participação mais extensa). Naturalmente, a publicação do romance *Dom Casmurro* contribui para aproximar o leitor russo do mundo machadiano.

Ina Terterian, autora do Prefácio, é bem conhecida em seu país como divulgadora da literatura brasileira, sobre a qual já escreveu muitos ensaios e, ainda recentemente, o livro *O romance brasileiro do Século XX (Brasílski roman XX vieka)*, Editôra *Nauka* — Ciência — 1965).

No texto em questão, ela estabelece uma diferenciação categórica, na crítica machadiana brasileira, entre uma "crítica reacionária", que "busca apresentar Machado como um cético sombrio, que odiava e não compreendia a vida" e uma "crítica progressista", cujos representantes "apreciam o escritor pela criação de um quadro verídico e acusador da realidade de seu tempo". Semelhante divisão nos parece bastante esquemática, mas não é isto o que mais interessa examinar no momento, e sim a maneira pela qual se tratou o texto de Machado, a partir dessa premissa.

No Prefácio, pode-se ler: "Das páginas no romance *Dom Casmurro*, erguem-se ante o leitor a rua de Matacavalos, seus antigos palacetes com baixos-relevos em estuque (1) e as choças dos miseráveis, que morrem de doenças e de fome". Evidentemente, trata-se de uma alusão ao episódio do leproso, desenvolvido a partir do Cap. LXXXIV. O quadro apresentado por Machado comporta esta alusão às "choças dos miseráveis", pois se tratava de "uma loja de louça, escassa e pobre". E a visão sinistra do cadáver do leproso na cama é acompanhada de pinceladas rápidas e essenciais como esta: "... à porta da alcova duas crianças olhavam espantadas para dentro, com o dedo na boca" (Cap. LXXXV). Mas o episódio, que é magnífico, está pedindo tratamento um pouco mais desenvolvido, que marque a dialética, evidente no texto, entre a vida e a morte, entre a realidade sinistra e a hipocrisia dos que prosseguem nos seus afazeres, e têm na morte de um amigo apenas um "pretexto honesto", como sucede a Bento no Cap. LXXXVIII, ou trazem à mente a imagem das violetas que, "para terem um cheiro superior, não mister de estrume de porco" (Cap. XCII). Evidentemente, porém, um Prefácio de nove páginas, e que trata da obra de Machado em conjunto, não permite semelhante desenvolvimento.

(1) No texto de Machado, fala-se em «pintura do teto e das paredes» (Cap. II).

Frisando sempre os aspectos sociais do romance, a prefaciadora escreve: "No romance *Dom Casmurro*, Machado expressou claramente a sua não-aceitação da realidade de seu tempo. O tema dessa obra — o tema das "ilusões perdidas" — não era novo na literatura européica. No escritor brasileiro, no entanto, ele não se resolve num plano amplo, social, mas no puramente psicológico. A modificação do caráter de um homem, em quem o sópro severo da existência mata a fé no amor e na fidelidade — eis o que impressiona o criador do romance.

"Ao drama que atingiu a personagem principal, Bento, dedicam-se apenas as cinquenta ou sessenta páginas finais do livro. A maior parte deste trata da infância de Bento e de seu amor por Capitu. São as páginas mais luminosas que Machado de Assis jamais escreveu. Ali, ele afirma direta e francamente o seu ideal das relações humanas. Por isto, *Dom Casmurro* constitui como que a obra programática do escritor.

"Machado representa o mundo ligeiramente ilusório do puro amor juvenil, quando nenhuma falsidade ainda se esgueira no coração. A voz zombeteira do autor, que comentava cada passo das personagens nos demais livros de Machado, emudece ante o frêmito sensual do primeiro beijo de Bento e Capitu. A entonação habitual do escritor, um tanto seca e irônica, é substituída pela narrativa perturbada de um adolescente, que experimenta pela primeira vez o encanto infinito da existência. Capitu não se tornou para Bento apenas a esposa amada. Nela está toda a poesia, todo o encantamento da vida. É por isto que aparece tão romântica a sua imagem, com os imensos olhos ciganos, côr de onda marinha, que parecem absorver em si o interlocutor".

Não obstante o enfraquecimento da imagem dos "olhos de ressaca" de Capitu, devido aos percalços da tradução, tem-se aí, segundo nos parece, uma formulação interessante.

Nas linhas finais dedicadas ao romance, a prefaciadora escreve: *Dom Casmurro* é o mais perfeito dos romances de Machado de Assis. Seu estilo é simples, claro, transparente. O autor quase não aplica melos expressivos complexos — sejam metáforas, sejam parábolas. E o próprio fato de estar o romance dividido em pequenos capítulos tem sua justificação interior: deste modo, como que se sublinha a minúcia da análise psicológica, o interesse entranhado pelas alterações quase imperceptíveis da vida íntima do herói.

"As características psicológicas mesmo de personagens episódicas aparecem admiravelmente em relevo, em todo o seu laconismo. Tais são não só o agregado José Dias ou tia Justina (2), mas também o jovem que morre de lepra ou Cabral, o "protonotário apostólico" embora lhes sejam dedicadas umas poucas páginas".

A prefaciadora faz uma análise sumária das demais obras de Machado e procura situá-lo em seu tempo. Depois de se referir aos naturalistas brasileiros, com o seu interesse pelos problemas da sociedade, pelas classes menos favorecidas, Ina Terterian escreve: "Afastado dos escritores naturalistas, Machado visava o mesmo objetivo. Todavia, as obras de Machado de Assis apresentavam uma qualidade nova, que serviu de base para a formação de um método novo. Essa qualidade era o psicologismo, o tratamento do caráter humano como objeto fundamental do conhecimento artístico. O psicologismo de Machado foi em grande parte determinado pela sua aprendizagem com os escritores da Europa Ocidental. Na crítica brasileira, já se falou muito da influência dos romancistas ingleses sobre Machado. O escritor se aparenta com eles pela ironia — forma essencial de manifestação de sua relação crítica com o que descrevia. Mas a ironia é arma de dois gumes. Em Machado, ela aparece frequentemente contaminada de ceticismo e pessimismo. Dedicam-se menos atenção à relação de Machado de Assis com o realismo francês, embora Flaubert, com a sua anatomia externamente desapalxonada da alma humana, tenha dado muito, sem dúvida, ao escritor brasileiro. Merece também pesquisa atenta a questão da influência dos escritores

(2) No texto original, «prima Justina».

russos sobre Machado. Pode-se perceber a tradição de Dostolévski no desnudamento implacável dos impulsos interiores mais secretos da personagem, que surpreende o leitor em alguns episódios de *Dom Casmurro*, como, por exemplo, na cena do suicídio malogrado de Bento e na tentativa de envenenar o pequeno Ezequiel". Influências russas em Machado? Eis um tema que nos parece difícil de fundamentar, mas que por isto mesmo se apresenta fascinante. Esperemos que a prefaciadora o desenvolva em trabalhos futuros.

Quanto à tradução, o mais justo é caracterizá-la como transposição de Machado para um estilo fluente, normal, o estilo de um escritor russo médio. Embora seja a prática mais corrente nas traduções publicadas mundialmente, temos de convir que se trata de uma prática lamentável.

Ainda recentemente, Kornél Tchukóvski, em seu livro *Contemporâneos (Sovremienniki)*. Editora *Molodaia Gvardia*, Jovem Guarda, Moscou, 1963), tratava das dificuldades tremendas da tradução de Tchekhov para qualquer língua estrangeira, o que exigiria do tradutor qualidades de grande escritor, no manejo dos recursos da língua. No caso de Tchekhov, isto se dá em virtude da exploração originalíssima das sutilezas da língua russa, com o emprêgo de expressões cuja ausência empobrece e descora inevitavelmente o texto.

Em Machado, apesar de toda a sobriedade estilística, tantas vezes notada, há certo negacear de quem diz e não diz, de quem quer e não quer, giros sem os quais a ironia, deixando de se refletir no plano da construção sintática, não aparece tão sublinhada. É verdade que, além disso, a tradução se afasta aqui e ali do original, não por descuido (o que se perceberia por eventuais omissões), mas devido à compreensão insuficiente do texto.

Não podemos queixar-nos da tradutora se, no Cap. XII, a expressão "fêz-se côr de pitanga" aparece simplificada para "abrasou-se". Trata-se realmente de uma passagem muito difícil, pois o leitor russo não sabe o que é pitanga, e, no caso, de nada adiantaria uma nota de rodapé. Outras passagens da tradução nos parecem, porém, menos desculpáveis. De modo geral, no decorrer de todo o livro, há uma substituição de verbos no subjuntivo por formas no indicativo, de frases interrogativas por afirmativas, uma redução das construções subordinativas, etc. Em suma, um falseamento contínuo de tom. Vejamos dois exemplos, comparando o texto de Machado com a retradução de passagens do russo para o português (procuraremos não cometer infidelidade nesta segunda operação).

#### ORIGINAL

Assim chorem por mim todos os olhos de amigos e amigas que deixo neste mundo, mas não é provável. Tenho-me feito esquecer. Moro longe e saio pouco. Não é que haja efetivamente ligado as duas pontas da vida. Esta casa do Engenho novo, conquanto reproduza a de Matacavalos, apenas me lembra aquela, e mais por efeito de comparação e de reflexão que de sentimento. Já disse isto mesmo. (Cap. CXLIV)

#### E BEM, E O RESTO?

Agora, por que é que nenhuma dessas caprichosas me fêz esquecer a primeira amada do meu coração? Talvez porque nenhuma tinha os olhos de ressaca, nem os de cigana obliqua e dissimulada. Mas não é este próprio o resto do livro. O resto é saber se a Capitu da praia da Glória já estava dentro da de Matacavalos, ou se esta foi mudada naquela por efeito de algum caso incidente. (Cap. CXLVIII)

#### TRADUÇÃO

Assim chorarão minha morte amigos e amigas, deixados neste mundo, o que, aliás, é pouco provável. Todos êles me esqueceram. Moro longe dêles e saio pouco.

Não consegui unir o início e o fim da vida. Embora minha casa no Engenho Novo se assemelhe à velha casa da rua de Matacavalos, a primeira me lembra pouco a segunda e não desperta em mim sentimentos peculiares. Já tratei disto.

#### BEM, AÍ ESTA TUDO

Por que então nenhuma das belas expulsou de meu coração o primeiro amor? Talvez porque nenhuma tinha olhos semelhantes à onda marinha, que atraem e que mentem, como os de uma cigana? Mas não é nisso que está o essencial. O mais importante é que nos falta esclarecer se a Capitu da rua de Matacavalos era a mesma da rua da Glória, ou se ela se modificou por alguma circunstância casual.

Evidentemente, a interrogação suprimida no título do capítulo final do livro é fundamental na construção machadiana. A incerteza, a dúvida, a ambigüidade são substituídas em parte pela afirmação.

Tôdas estas observações sôbre a tradução russa de *Dom Casmurro* têm em mente um padrão elevado de exigência. Na realidade, estamos longe de alcançá-lo na prática internacional corrente. E não nos atreveríamos a emití-las, se observássemos fielmente o preceito de que só deve atirar a primeira pedra aquele que esteja realmente sem pecado. — BORIS SCHNAIDERMAN.

MONTELLO, Josué — *Santos de Casa*, Imprensa Universitária do Ceará, Fortaleza, 1966, "Coleção Carnaúba", vol. 2, 304 pp.

O volume 2 da "Coleção Carnaúba" apresenta ensaios variados de Josué Montello, onde ao lado dos "santos de casa", Alencar, Machado de Assis, Euclides da Cunha, Correia de Araújo, Gonçalves Dias e outros, nos deparamos com Bocage, que, "além de haver nascido em Portugal, nada tinha de santo" (p. 5). Sua inclusão, entretanto, se justifica, pois é pretexto para a apresentação de um panorama da época em que esteve no Brasil, a exemplo daquele que nos fornece o artigo "Cronistas de Ontem", onde encontramos tantos dados que convidam a uma pesquisa sistemática das crônicas de fins do século passado e começo do atual, pois é grande a riqueza do material que o Autor nos permite entrever.

A tendência para o panorama histórico evidencia-se no decorrer de todos os estudos, tanto por meio do aproveitamento de dados biográficos quanto pela utilização de elementos fornecidos pela literatura comparada, que revelam a erudição do Autor e o contato sistemático com obras estrangeiras. Este aspecto é importante, se lembrarmos que, além de uma atividade constante no setor ensaio, Josué Montello tem publicado romances que lhe asseguram um lugar de destaque entre nossos escritores contemporâneos. O panorama de suas leituras habituais, bem como a perspectiva sob a qual analisa êsses textos oferecem aos críticos elementos preciosos para a compreensão de sua obra de ficcionista, pois a recente publicação nos permite entrar em contato com autores de sua "admiração" e "convívio", no decorrer de uma leitura variada e agradável. — ALIETTE FONTANA.

BORBA FILHO, Hermilo — *Fisionomia e Espírito do Mamulengo* (o teatro popular do Nordeste) — Edição ilustrada. São Paulo, Companhia Editora Nacional, Editora da Universidade de São Paulo, 1966, 296 pp. (Brasiliana, vol. 332).

Nem todos sabem que o simpático "amarelinho", o célebre João Grilo das proezas dos folhetos de cordel, tem muitos parentes próximos e tão populares quanto êle entre os bonecos dos teatros de marionetes, ainda bem vivos nas cidadezinhas do Nordeste. É para esse mundo encantado e pitoresco que nos transporta Hermilo Borba Filho ao tentar desvendar a *Fisionomia e Espírito do Mamulengo*, no primeiro estudo em profundidade sôbre o tema, resultado de uma pesquisa realizada para o Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais.